

MÉTODOS

1232

6.7.54

RUBEM BRAGA

É preciso ter algum bom humor para ver o mundo de hoje. Abro um vespertino e vejo o retrato de uma linda moça de 22 anos, Rica Dialyna, que foi eleita Miss Grécia. O telegrama conta que ela não pode ir aos Estados Unidos disputar o título de Miss Universo porque, quando era estudante de Belas Artes, desenhou a capa do livro de um sujeito que depois foi condenado como comunista. A polícia de Atenas informa que a moça não é comunista, mas o consul americano não transige.

Eu que também não consegui visto para ir aos Estados Unidos, sinto-me bem acompanhado ao lado de Charles Chaplin e Rica Dialyna. O mais engraçado é que eu poderia dar o nome de pelo menos duas pessoas perfeitamente comunistas que já foram mais de uma vez e recentemente aos Estados Unidos, sem que os sherloques do Departamento de Estado desconfiassem. Para não assustar esses sherloques, direi que tais pessoas têm ido aos Estados Unidos tratar honradamente de assuntos particulares e não dinamitar o Pentágono. Mas está claro que se amanhã o Partido Comunista do Brasil tiver interesse em mandar algum de seus membros aos Estados Unidos fazer espionagem, terá apenas de escolher uma pessoa não conhecida como comunista, viajando sob um pretexto qualquer, sem escudinho de espiação na lapela... Ainda bem que os americanos tiveram o bom senso de não copiar o nome da organização inglesa "Intelligence Service".

De vez em quando a "Lux" me manda um recorte da "Imprensa Popular, em que sou vingado. O último, além de muitas outras coisas, tem esse período:

"Não é de hoje que R. B. presta serviços à propaganda mais

reacionária dos Estados Unidos. Quem quiser vê-lo, por exemplo, de corpo inteiro basta correr a coleção da "Revista Esso" onde firmou sua reputação na Standard Oil".

Não sei qual é minha reputação na Standard; a última vez que avistei um funcionário dessa empresa foi na inauguração de certo semanário em que um rapaz que tinha bebido um pouco demais veio me dizer que o jornal de que eu era diretor, "Comício", jamais teria anúncios de lá porque atacara a Standard; limitei-me a responder que estava bem, não pedira nenhum anúncio e achava normal que eles não me dessem nenhum.

Minhas atitudes na "Revista Esso" limitam-se a um artigo que sua direção certa vez me encomendou sobre o Espírito Santo, para um número especial sobre o meu Estado. Escrevi e recebi o pagamento do artigo exatamente como farei se o "Pravda" amanhã me fizer a mesma encomenda. Está claro que o autor do tônico sabe disso, mas dá à nota um ar misterioso para "provar" que eu presto serviço "à propaganda mais reacionária dos Estados Unidos".

A nota fala ainda em um "delegado franquista" ao Congresso pela Liberdade da Cultura de que participei em Santiago. Ora, não me referi a nenhum delegado franquista mas sim a um delegado que era espanhol e por sinal havia dois, ambos exilados da ditadura de Franco. Será que para a luminosa inteligência comunista "espanhol" quer dizer "franquista"?

Não há dúvida que, devido aos ardores da guerra fria as autoridades norte-americanas estão adotando a dialética dos comunistas: estes, para não ficarem atrás, usam os lindos métodos da imprensa nazista.